

COVID-19

EA COMUNICAÇÃO

RODRIGO CÁSSIO OLIVEIRA
DANIEL CHRISTINO
ELISEU VIEIRA MACHADO JÚNIOR
(Org.)

Cegraf UFG

COVID-19 E A COMUNICAÇÃO

Rodrigo Cássio Oliveira
Daniel Christino
Eliseu Vieira Machado Júnior
(Organizadores)

Cegraf UFG

2021

© Cegraf UFG, 2021

© Rodrigo Cássio Oliveira, Daniel Christino, Eliseu Vieira Machado Júnior, 2021

Revisão ortográfica e normalização técnica

Cegraf UFG

Projeto gráfico, editoração eletrônica

Géssica Marques de Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

C873 Covid -19 e a comunicação [E-book] / organizadores, Rodrigo Cássio Oliveira, Daniel Christino, Eliseu Vieira Machado Júnior ; projeto gráfico, editoração, Géssica Marques de Paulo. – Goiânia: Cegraf UFG, 2021. 519 p. : il.

Inclui referências.

ISBN (E-book): 978-65-89504-64-1

1. Saúde - Proteção. 2. Doenças transmissíveis. 3. Informação. 4. Comunicação de massa. 5. Mídia social. I. Oliveira, Rodrigo Cássio. II. Christino, Daniel. III. Machado Júnior, Eliseu Vieira.

CDU: 614.4:659.3

Bibliotecária responsável: Adriana Pereira de Aguiar / CRB1: 3172

As representações sociais da Covid-19 para brasileiros: metamorfose da pandemia no Brasil e Estados Unidos

Claudomilson Fernandes Braga, Simone Antoniacci Tuzzo, Rhayssa Fernande e Kalyne Menezes

A Ciência,¹ que ao longo da história da humanidade vem definindo comportamentos sociais, na atualidade, vem protocolando um conjunto de ações da vida cotidiana para salvar vidas e, com isso, determinar a forma como devemos nos comportar diante de uma situação pandêmica. Este momento coloca a Ciência, sobretudo as Ciências Médicas, em um patamar diferenciado, visto que ela (a Ciência) passa a controlar o modo de viver. Atribuímos a ela o poder de definir quem vai e quem fica. O que somos, quem somos e quem podemos ser.

Neste sentido, arriscamos dizer que não há nada mais controlador do que a Ciência, e neste edifício conceitual que estamos inseridos, terceirizamos a vida pra Ciência, que ao nos revestir de uma capa civilizatória criada e validada pela humanidade, sobretudo

.....
1 Sobre o conceito de Ciência ver: Acevedo e Romero (1999).

após a Revolução Industrial, gerou ao longo do tempo uma representação do que é a Ciência, agora em uma situação pandêmica.

É neste bojo de complexidades, de disputas, que (re)surge na China com uma nova cepa do coronavírus. Denominado o novo coronavírus, ou SARS-CoV-2, como denominou a Organização Mundial da Saúde (OMS), colocando a humanidade à prova. Agressivo, invisível, silencioso e com alto poder de contaminação e disseminação, o vírus leva o mundo como o conhecíamos a ter sua rota alterada. O conceito de globalização, com fronteiras abertas a livre circulação foi rapidamente questionado. A ida e vinda de pessoas foi imediatamente proibida. Um cenário de caos, em termos sanitários, que não se via deste a gripe espanhola, no início do século passado.

Novamente a Ciência foi chamada para combater esta ameaça e, a partir da sua narrativa, a Covid-19 surge como uma nova realidade, ditando novas regras de convivência, cujos comportamentos são descritos e validados pela Ciência. E, mais uma vez, as representações sociais da Ciência sugerem, em função do seu discurso, a representação de uma nova doença. Agora o isolamento e o distanciamento social são as regras da convivência humana. Em termos econômicos, tudo mudou. Produtos e serviços anteriormente oferecidos para boa parte da população agora são classificados em essenciais ou não. Para o vírus, as fronteiras não existem; nem as diferenças culturais. O globalizante deixou de ser importante, pois o que agora é global é o vírus.

É nesta (nova) conjuntura que a humanidade desenvolve seu próprio entendimento, sua própria narrativa do que é a doença e de como ela afeta cada um e todos ao mesmo tempo. É, portanto,

no espaço entre o que diz a Ciência, a partir dos seus especialistas, o que dizem os veículos de comunicação e o que chega aos lares, agora isolados, do ponto de vista da mediação ou da quase mediação conforme preconizado por Thompson (2008), que ocorrem as interpretações e (re)interpretações sociocognitivas do que exatamente é a Covid-19. Falamos, portanto, das representações sociais do novo coronavírus. É, portanto, sobre esta nova realidade e sobre este objeto – a Covid-19 – que este artigo se debruça.

Com o objetivo de identificar as representações sociais da Covid-19, para brasileiros residentes no Brasil e brasileiros residentes nos Estados Unidos e, conseqüentemente, quais crenças e quais sentimentos os sujeitos da pesquisa possuem em relação à doença, que este artigo foi elaborado. O referencial teórico abrange a Teoria das Representações Sociais, de forma geral, e de modo particular a Teoria do Núcleo Central, desenvolvida por Abric (1998), da qual adotamos também seu aparato teórico-metodológico.

A escolha desses dois países se deu em virtude de os Estados Unidos e o Brasil serem, neste momento, os dois países com maior número de casos confirmados da doença e maior número de mortes pela Covid-19.

As representações sociais

Segundo Do Bú *et al.* (2020) as diversas áreas do conhecimento têm estudado a Covid-19, com destaque para as áreas da saúde pública, da epidemiologia e da psicologia. Especificamente no campo da psicologia, destaque para a abordagem social; formação de representações sociais em relação ao novo coronavírus

e o papel da mídia como fundamental nesse processo, uma vez que está ligada às normas, formas simbólicas, condutas dentro de uma sociedade, tem demonstrado que os grupos têm construído representações sociais do fenômeno da pandemia.

Neste sentido, destacamos a importância dos estudos da Teoria das Representações Sociais desenvolvidos por Serge Moscovici na França, ainda na década de 1960. Para Moscovici (1981), fundador dos estudos de representações sociais, os indivíduos não criam nada novo, mas reproduzem e são reproduzidos. Assim, no campo do pensamento social, aspectos afetivos, simbólicos, cognitivos e outros são compartilhados em uma sociedade, por indivíduos ou grupos, tornando-se representações sociais, que uma vez partilhadas tornam-se crenças que levam os sujeitos a determinados comportamentos. O conceito desenvolvido por Moscovici (1981) – cuja origem epistemológica se inspira nos estudos de Émile Durkheim sobre representações coletivas – foi atualizado e ampliado no campo da psicologia social, sobretudo, se diferenciando do conceito originalmente desenvolvido por Durkheim no que diz respeito à dinamicidade da vida cotidiana e cujas mudanças sociais são constantes e rápidas.

Em outros termos, o conceito de representações elaborado por Moscovici (1981), ao contrário do conceito sociológico cunhado por Durkheim, dá às representações dinamicidade, agilidade e facilidade de compartilhamento e tem na Comunicação Social seu suporte básico. De modo que as representações sociais são uma maneira particular tanto de aquisição do conhecimento quanto de comunicar esse conhecimento adquirido e, para isso, se utiliza de mecanismos simbólicos e icônicos (Moscovici, 1981).

Uma representação social tem relação direta com suas condições de produção e de circulação, e é constituída por um núcleo estruturante que determina e delinea o campo semântico da representação.

Todos os sistemas de representações, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente. (Moscovici, 2003, p. 37).

Os diálogos, discursos, padrões de trabalho e produção, rituais, culturas e outras práticas sociais, junto à comunicação, engendram as representações sociais, de tal modo que as representações são centradas “nos fenômenos produzidos pelas construções particulares da realidade social” (Jovcheloviych, 1995, p. 79) e estas representações envolvem, em sua totalidade, uma dinâmica diferente do que apenas indivíduos agregados. O sujeito social vai além do simples indivíduo, pois, pertence a contextos sociais e culturais bem definidos. Mesmo que as representações sociais sejam, em parte, expressões individuais, elas são diretamente relacionadas aos contextos e espaços sociais de produção e circulação e, neste sentido, são grupais.

As representações sociais são uma forma de pensar e interpretar a realidade cotidiana e de conhecer as atividades mentais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos para “fixar suas posições em relação às situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem” (Sêga, 2000, p. 128-129).

O autor argumenta ainda que o social aparece de diferentes formas, seja pelos contextos concretos em que os grupos se situam, seja pela comunicação entre os sujeitos, pelo que eles partilham referente a crenças, valores, ideologia, culturas. A representação social é um conhecimento prático e que dá sentido ao mundo, por meio do consenso presente nas diversas realidades e da construção de realidades que são partilhadas.

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. (Sêga, 2000, p. 129).

Oliveira e Bertoni (2019) afirmam que as representações podem ser encontradas tanto na “mente” dos sujeitos quanto no “mundo” deles. Segundo os autores, as representações sociais devem ser estudadas quando se pode observar que as mesmas se encontram “espalhadas e cristalizadas na cultura onde se realiza o estudo” (Oliveira; Bertoni, 2019, p. 11). Os autores ainda argumentam, a partir de estudos como o de Vala (1993), que os indivíduos não apenas recebem e repassam informações; os indivíduos antes teorizam sobre ela, constroem sentidos, significados e de certa maneira a própria realidade social.

Ao teorizarem, os sujeitos também prescrevem para outros sujeitos formas de comportamentos e ações diante da vida de maneira sólida e duradoura (Moscovici, 2003), ou, como afirmou

Jodelet (2005, p. 22): “As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Elas também organizam e estruturam aspectos relacionados à tradição, sedimentando representações e indicando como os indivíduos devem se expressar e representar (Oliveira; Bertoni 2019). Assim, o conceito de representações sociais é de que ela

perpassa pela ideia de que pessoas e grupos criam suas próprias representações a partir de elementos provenientes tanto dos processos comunicacionais quanto operacionais, e que uma vez criadas essas representações, sob âncora da dimensão coletiva, adquirem vida própria, transitam o tempo todo, se atraindo e se repelindo, de modo que enquanto novas representações nascem, outras, bem mais antigas, morrem. (Oliveira; Bertoni, 2019, p. 12).

Por este olhar, compreende-se que as representações sociais são categorias de conhecimento que permeiam e se infiltram continuamente nos modos de pensar dos indivíduos, seus grupos, suas relações, sendo-lhes familiares, ou como afirmou Moscovici (2003): transforma o não familiar em familiar.

O autor destaca os principais processos que atuam para construir e legitimar as representações sociais: a ancoragem e a objetivação. No primeiro, há uma seleção e recorte de elementos, o indivíduo classifica-os e nomeia-os, de maneira que o que é estranho e o perturba pode ser contextualizado e reinserido em um sistema de organização existente e, assim, tornar-se familiar ao sujeito. Aqui entramos na fase da objetivação, onde o que

antes era estranho e intrigante passa a ser palpável, natural para o sujeito, formando as representações sociais que transformam o não familiar em familiar.

Sêga (2000) afirma ainda que o lado figurativo de uma representação social é indissociável do seu lado simbólico, isto é, mesmo em representações mais comuns os comportamentos dos indivíduos ou dos grupos são definidos pela elaboração cognitiva e simbólica deles. O autor complementa seu argumento retomando os estudos de Denise Jodelet (2005), que afirma que para haver uma representação social é preciso que haja, inicialmente, um objeto a ser representado, e que o elemento figurativo, imagético, é uma das principais características que pode, inclusive, alterar sensações, ideias, percepções etc. Além disso, as representações possuem caráter simbólico, significativo, construtivo, autônomo e criativo.

Teoria Estrutural

Dando continuidade aos estudos de Serge Moscovici, originalmente desenvolvidos no Laboratoire Européen de Psychologie Sociale, destacam-se os trabalhos de Jean-Claude Abric acerca do núcleo estruturante das representações sociais. Nesta abordagem, denominada de Teoria do Núcleo Central, as representações sociais são organizadas por meio de dois sistemas: o núcleo central e o sistema periférico, que podem ser identificados por meio de frequência de evocações de palavras. Para Abric, o núcleo central (NC) é formado por elementos que dão sentidos e significados a uma representação social, podendo ser compreendido como um subsistema das representações sociais. O que vai definir o NC de

uma representação são as relações e a memória coletiva que os indivíduos ou grupos tenham com determinado objeto que, segundo Mazzotti (2002), é fortemente determinado pelas condições históricas, ideológicas e sociológicas do grupo.

Ferreira e Brum (2000) afirmam que é possível gerar o significado das representações sociais a partir de seu NC, cujas características destacadas envolvem as relações com a memória coletiva, normas e a história do grupo; consenso que está ligado à homogeneidade do grupo, à estabilidade, à coerência e à rigidez (pouco mutável). Para que uma representação social seja diferente é necessário que haja vários NC diferentes, o que muitas vezes não ocorre em relação a um determinado objeto. O NC é o que vai definir uma representação, “ele é o elemento estável que permite que as representações se perpetuem. Os valores, as crenças e as normas comuns de um grupo são mantidos e perpetuados através do núcleo central. Se ele se modificar, modifica-se também toda a representação” (Ferreira; Brum, 2000, p. 10).

O NC teria algumas funções essenciais, conforme destaca:

- a) função geradora, pela qual os elementos da representação ganham valor e alteram sentidos;
- b) função organizadora, onde o NC é o elemento que une os elementos de uma representação;
- e c) função estabilizadora, cujos elementos são os mais resistentes às mudanças.

Sintetizando, pode-se afirmar que o NC é ligado à memória coletiva de um grupo, estável e resistente a mudanças, consensual, pouco sensível ao contexto imediato, estável e rígido e gera significação da representação.

Já o sistema periférico, em oposição, é flexível, se modifica sendo sensível ao contexto imediato, permite integração de expe-

riências e histórias individuais, e se adapta à realidade concreta com o objetivo de proteger o NC das representações. As representações sociais periféricas também afetam o NC, entretanto, diferente do NC, o sistema periférico muda muito mais facilmente. Por isso, as análises e estudos no campo das representações sociais buscam identificar o que se encontra em cada um desses núcleos, especialmente no NC da representação, que é, na prática, o que define o que grupos e sujeitos coletivos pensam acerca de determinado objeto e como provavelmente influenciarão as atitudes e ações tomadas a partir das representações.

Amostra, métodos e procedimentos

O processo amostral que constitui este estudo é classificado como não probabilístico aleatório simples, já que todas as pessoas tiveram a mesma oportunidade de serem sujeitos da coleta. Deste modo, a amostra deste estudo é composta de 40 sujeitos ($n = 40$) de ambos os sexos.

A coleta se deu por meio de formulário *on-line* compartilhado e (re)compartilhado pelas mídias sociais Facebook e WhatsApp para grupos de pessoas diversos. A pesquisa se classifica como qualitativa, visto que a abordagem é exclusivamente aberta, cuja questão foi elaborada conforme metodologia das Evocações Livres e para tanto foi solicitado aos sujeitos da pesquisa a partir do termo indutor – “Covid-19” – quais as cinco primeiras palavras e/ou expressões vinham à sua mente quando ouviam a palavra indutora permitindo evidenciar universos semânticos relacionados ao objeto da pesquisa.

O processo de análise teve como procedimento o arcabouço metodológico da Teoria Estrutural e foi desenvolvido como auxílio o *software* OpenEvoc, elaborado pelo professor Hugo Cristo Sant'Anna, que é uma ferramenta de apoio ao processo de pesquisa em representações sociais. O programa permite organizar os elementos dos sistemas central e periférico das representações sociais (Sant'anna, 2012).

Com base nesse processamento chegamos ao provável NC e sistema periférico da representação social da Covid-19. O *software* OpenEvoc permite a realização de cálculos estatísticos, construindo matrizes de coocorrências, os quais servem de base para a construção do quadro de quatro casas.

Conforme Vergés (2002), os quatro quadrantes podem ser assim interpretados: no primeiro situam-se os elementos mais relevantes e, por isso, possíveis de constituírem o NC de uma representação. Estes elementos são os mais prontamente evocados e citados com frequência elevada pelos sujeitos. O segundo e o terceiro quadrantes correspondem aos elementos menos salientes na estrutura da representação, contudo eles são significativos em sua organização. No segundo quadrante estão os elementos que obtiveram uma frequência alta, mas que foram citados em últimas posições; no terceiro quadrante encontram-se os elementos que foram citados numa frequência baixa, porém foram evocados primeiramente. No quarto quadrante estão os elementos que correspondem à periferia distante ou segunda periferia. Nele estão os elementos menos citados e menos evocados em primeira mão pelos sujeitos.

Resultados e análises

Os resultados representacionais referentes ao NC da Covid-19 e os sistemas periféricos indicam, conforme quadrante abaixo (Quadro 1), que para os brasileiros residentes no Brasil a pandemia representa, sobretudo, risco de morte (10,58%), causando medo (5,53%) na população.

Quadro 1 - Quadrante Quatro Casas: Tabela Frequência \times Ordem de Evocação (TabFreq)

++	Frequência ≥ 0.16 / Ordem de evocação $< 3,5$	+-	Frequência ≥ 0.16 / Ordem de evocação $\geq 3,5$
10,58% 5,53% 4,27% 3,95%	Morte Medo pandemia Quarentena	3,79% 3,79%	Doença Isolamento social Auxílio emergencial Caos
-+	Frequência < 0.16 / Ordem de evocação $< 3,5$	--	Frequência < 0.16 / Ordem de evocação $\geq 3,5$
	Contagioso Contaminação Crise Desespero		Ciência Doente Enfermeiros Futuro

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Apesar deste sentimento de medo da morte não ser muitas vezes expressado, ele representa o principal sentimento que parece circular entre os sujeitos da população. Dito de outra forma: a população receia o contágio, pois tem o sentimento de que corre risco de morte.

Na primeira periferia (quadrante superior direito) a expressões mais evocadas foram “isolamento social” e “doença”, expressando com clareza a compreensão da população em relação à pandemia. Se doença expressa a realidade vivida, o isolamento representa o único procedimento de proteção existente até o momento para se proteger do contágio. Se por um lado o medo da morte em função do contágio parece ser uma crença subjacente, ainda pouco expressada, apesar de sentida, o isolamento como forma de proteção contra a doença foi a atitude mais compreendida pela população. Todavia o isolamento, se por um lado representa a única forma de conter o avanço dos casos de Covid-19, por outro expõe a realidade nacional pouco (re)conhecida pela maioria da população brasileira. Ou seja, a única forma de conter o contágio, revelou uma camada enorme da população subempregada, sem renda, em atividade informal, sem acesso às políticas públicas de saúde e de renda.

Em outros termos, o mesmo isolamento que salva vidas, pois inibe o contágio reduzindo a curva de contaminação, provoca mortes, pois retira todas as possibilidades de sobrevivência quando também inibe a aquisição de um mínimo de renda que garante a sobrevivência da população que vive na informalidade e/ou desempregada. Um paradoxo. Aqui reside provavelmente o sentimento e a crença de que a Covid-19 é representada pela expressão “morte”. Morte pelo contágio quando não se isola; morte pelo não contágio, quando se isola e deixa de ter suas necessidades básicas atendidas, como, por exemplo, alimentação.

A terceira e a quarta periferias (quadrante inferior esquerdo e inferior direito respectivamente) indicam aspectos da vivência

cotidiana da população em relação à pandemia, ou seja, os termos evocados expressam o dia a dia, a rotina, os diálogos existentes. Ao contrário das periferias, o NC acaba sendo aquele sentimento existente e pouco ou nunca expressado pelos sujeitos, pois indica as memórias coletivas que os indivíduos ou grupos têm em relação ao objeto. É partir de seu NC que o consenso se estabelece, que a homogeneidade do grupo se concretiza em termos de sentimentos e crenças. E, neste sentido, podemos afirmar que provavelmente a população investigada de modo particular e a população em geral alimentam o sentimento de medo da morte em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus.

Já para os brasileiros residentes nos Estados Unidos, a Covid-19 representa contágio, quarentena, caos, conforme indicado no NC do Quadro 2.

Quadro 2 - Quadrante Quatro Casas: Tabela Freqüência \times Ordem de Evocação (TabFreq)

++	Freqüência ≥ 0.16 / Ordem de evocação $< 3,5$	+-	Freqüência ≥ 0.16 / Ordem de evocação $\geq 3,5$
11,49% 6,14% 4,94%	Contágio Quarentena Caos	3,82% 3,91%	Máscara Isolamento social Morte China
-+	Freqüência < 0.16 / Or- dem de evocação $< 3,5$	--	Freqüência < 0.16 / Ordem de evocação $\geq 3,5$
	Crise econômica Família Vacina Política		Esperança Cura Trabalho

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Isso indica que para este grupo o sentimento está relacionado à doença propriamente dita e suas consequências na vida cotidiana. A noção de morte que se revela no grupo de brasileiros residentes no Brasil não aparece no grupo de brasileiros que residem nos Estados Unidos. Apenas a expressão quarentena se assemelha em importância, provavelmente pelo fato de ambos os países adotarem o distanciamento social como medida protetiva.

Na primeira periferia (quadrante superior direito) emerge o principal sentimento e as crenças do grupo: máscara, isolamento social, morte, China. Aqui é revelado o principal sentimento dos brasileiros residentes nos Estados Unidos. As questões econômicas e ideológicas são reveladas. Há uma preocupação econômica em termos global quando a expressão China é evocada. A segunda maior economia do mundo e o início da pandemia parecem se fundir em um sentimento único: a concorrência.

No terceiro e quarto quadrantes, inferior esquerdo e inferior direito, respectivamente são relevados os principais sentimentos dos brasileiros que residem nos Estados Unidos. São nestes quadrantes que aspectos relacionados à economia, à família, ao trabalho e às possibilidades de vacina e também de cura são revelados; são evocados, indicando com clareza como se sentem os imigrantes brasileiros.

Apesar de o sentimento mais profundo se revelar, no primeiro quadrante (superior esquerdo), o chamado NC da representação, é na periferia que o discurso do cotidiano se revela. Que a fala e o agir corriqueiro toma forma. Ou como bem colocado por Jodelet (2005), é na periferia que os saberes são praticados.

Considerações finais

Estudos que envolvem sentimentos, crenças e outros elementos em relação a determinado fenômeno são dinâmicos, assim como as representações sociais. E muito mais dinâmicos se tornam em se tratando de uma situação pandêmica que é alterada diariamente em razão da situação do avanço e ou recuo da doença. Todavia, é exatamente nessa dinamicidade do fenômeno que diferentes representações são reveladas em função dos aspectos ideológicos, econômicos e sociais que permeiam os grupos e o fenômeno em estudo.

O novo coronavírus é o mesmo; a doença causada pela contaminação é a mesma; a pandemia é a mesma. Entretanto, o grupo de brasileiros residentes nos Estados Unidos compreende e vivencia a pandemia de modo diferente do grupo residente no Brasil. Assim entendidas, as representações “alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas” (Vala, 1993, p. 354). Ou seja, mesmo sendo um único fenômeno, não se trata da mesma representação.

Não pretendemos aqui reduzir as representações a uma perspectiva ideológica apenas. A não ser que assumíssemos um conceito amplo de ideologia. Não é o objetivo deste artigo. Uma alternativa, neste contexto, para tentar explicar as diferenças relevadas na pesquisa, é pensar, como bem colocou Xavier (2002, p. 5),

nas representações sociais como matéria comunicativa do cotidiano (entendido de modo complexo: senso comum, ciência, meios de comunicação de massa), que assumem uma nova dimensão ao entrar no plano da esfera pública e da luta

hegemônica [cuj] importância está no fato de que são elas, em última instância, que moldam as práticas cotidianas dos indivíduos (daí elas serem objeto das campanhas publicitárias, políticas e de mercado).

As diferentes compreensões da Covid-19 indicam que mesmo sendo ambos os grupos de brasileiros residindo nos dois países que apresentam os maiores números de contaminados e de mortes pela doença, estes não reagem de igual modo à doença. Não compreendem da mesma forma as consequências da doença e não sentem da mesma forma as consequências. Não sentem provavelmente em razão da estrutura socioeconômica existente no seu local de residência. Em estudo realizado por Braga *et al.* (2020) sobre as vulnerabilidades reveladas pela pandemia no Brasil deu-se conta de um contingente enorme de pessoas em situação de diversas formas de vulnerabilidades, tais como insegurança alimentar, falta de saneamento, subemprego, para falar apenas de algumas.

Em estudo anterior evidenciamos que a pandemia no Brasil revela um país desconhecido por muitos brasileiros, neste estudo é possível afirmar que a pandemia enquanto fenômeno social revela-se capaz de metamorfosear-se na percepção dos grupos. Ser compreendida na sua existência e nas suas consequências de modo distinto. É o que chamamos de metamorfose da pandemia, mas não a metamorfose do vírus. Chega a todos da mesma forma, porém, afeta cada um de uma forma diferente. Onde o diferente não está necessariamente relacionado à situação física do sujeito, mas, e, sobretudo, está relacionado à situação ideológica, econômica e social do grupo. Arriscamos dizer com certa segurança que

esta pandemia não é igual pra todos e que as consequências deste processo não trará os mesmos resultados para todos. Enquanto no Brasil milhões de brasileiros vivem o caos do ponto de vista da segurança, da sobrevivência, nos Estados Unidos os brasileiros residentes viveram na primeira onda de contágio outro caos. Um caos do sistema de saúde.

Referências

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. *In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: Ed. AB, 1998. p. 128-142.

ACEVEDO, J. A.; ROMERO, P. A. Creencias sobre la naturaleza de la ciencia: um estudio con titulados universitarios en formacion secundaria. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 29, n.1, p. 1-20, 1999.

BRAGA, C. F. *et al.* Vulnerabilidades reveladas: as representações sociais da Covid-19. *In: TUZZO, S. A.; CEZAR, A. G. N.; BRAGA, C. F. (org.). Gestão de crise, relações públicas e Covid-19*. Goiânia: Cegraf/UFG, 2020. p. 7-20. *E-book*.

DO BÚ, E. A. *et al.* Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, maio 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100505. Acesso em: 29 maio 2020.

FERREIRA, S. R. S.; BRUM, J. L. R. As representações sociais e suas contribuições no campo da saúde. *Revista Gaúcha Enfermagem*,

Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 5-14, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4323>. Acesso em: 31 maio 2020.

JODELET, D. Vinte anos das representações sociais no Brasil. In: OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P. H. F. (org.). *Representações sociais: uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 11-22.

JOVCHELOVIYCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (org). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 326-339.

MAZZOTTI, A. J. A. A abordagem estrutural das representações sociais. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 14-15, 1º e 2º semestre de 2002, p. 17-37. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31913>. Acesso em: 31 maio 2020.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. *Sobre representações sociais*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1981.

OLIVEIRA, J. C. de; BERTONI, L. M. Memória coletiva e teoria das representações sociais: confluências teórico-conceituais. *Gerais*, Univ. Fed. Juiz Fora, v. 12, n. 2, p. 244-262, jul.2019.

SANT'ANNA, H. C. OpenEvoc: um programa de apoio à pesquisa em representações sociais. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO-ES, 7., 2012, Vitória. *Anais eletrônicos [...]*.

Disponível em: https://www.academia.edu/2226246/openEvoc_Um_programa_de_apoio_%C3%A0_pesquisa_em_Representa%C3%A7%C3%B5es_Sociais. Acesso em: 11 jun. 2020.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 8, n. 13, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6719>. Acesso em: 31 maio 2020.

THOMPSON, J. B. A nova visibilidade. *Revista Matrizes*, v. 2, n. 1, p. 15-38, 2008.

VALA, J. Representações sociais: para uma psicologia social do pensamento social. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (org.). *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. p. 526-556.

VÈRGES, P. *Conjunto de programas que permitem a análise de evocações: EVOC: manual*. Versão 5. Aix en Provence: [s. n.], 2002.

XAVIER, R. Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 18-47, dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 jul. 2020.